

The background is a solid yellow color. It features four large, pink, geometric shapes that resemble stylized arrows or chevrons pointing towards the center. These shapes are located in the top-left, top-right, bottom-left, and bottom-right corners. The central text is framed by two thick black horizontal lines.

PROJETO **MARAVILHA**

MATERIAL EDUCATIVO

PROJETO MARAVILHA

EXPOSIÇÃO
**CARLOS
VERGARA**

IDEALIZAÇÃO E PRODUÇÃO



27 PONT2

PATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO



MATERIAL EDUCATIVO

Sumário

Prezado(a) Educador(a), Bia Jabor		6
A–Ponte Fábio Szwarcwald		10
Parque Bondinho Pão de Açúcar®		12
CNPC		13
Bosque das Artes e a Jornada Digital		14
Exposição Carlos Vergara Ulisses Carrilho		18
Programa Educativo Bia Jabor		24
Conversas com as obras:		
Parênteses		28
Pauta Musical		44
A Idade da Pedra		56
Referências		70
Créditos		76

Bia Jabor

COORDENADORA DO PROGRAMA EDUCATIVO

Prezado(a) Educador(a),

É com enorme prazer que disponibilizamos este material educativo do Projeto Maravilha para educadoras e educadores das escolas visitantes do Parque Bondinho do Pão de Açúcar®, que puderam percorrer o Bosque das Artes e conhecer o projeto.

Nesta primeira edição do Projeto, contamos com três obras/intervenções do artista Carlos Vergara, expoente da arte contemporânea brasileira, com uma longa e importante trajetória artística. Neste material, você tem acesso aos textos da curadoria da exposição, à proposta do Programa Educativo e aos conteúdos relacionados a cada uma das obras do artista. O material inclui possíveis propostas e desdobramentos para serem realizados em sala de aula, pesquisas e textos abordando os conteúdos que fazem parte do projeto, relacionando meio ambiente, natureza, sustentabilidade, história da cidade, o monumento geológico do Pão de Açúcar, a Baía de Guanabara e os povos originários, entre outros temas transversais.

A intenção é poder apoiá-lo(a) em sua jornada com os alunos e alunas em um projeto pedagógico mais extenso, com desdobramentos que vão além da visita. São muitos os caminhos e conteúdos que o projeto entrelaça, e uma oportunidade para trabalhar importantes e fundamentais temas em sala de aula a partir de uma experiência no mundo, através da arte.

De acordo com o educador espanhol Jorge Larrosa, o conhecimento para os sujeitos só se torna realmente transformador quando passa pelo campo da experiência, pelos sentidos, pelo afeto, por aquilo que nos mobiliza.

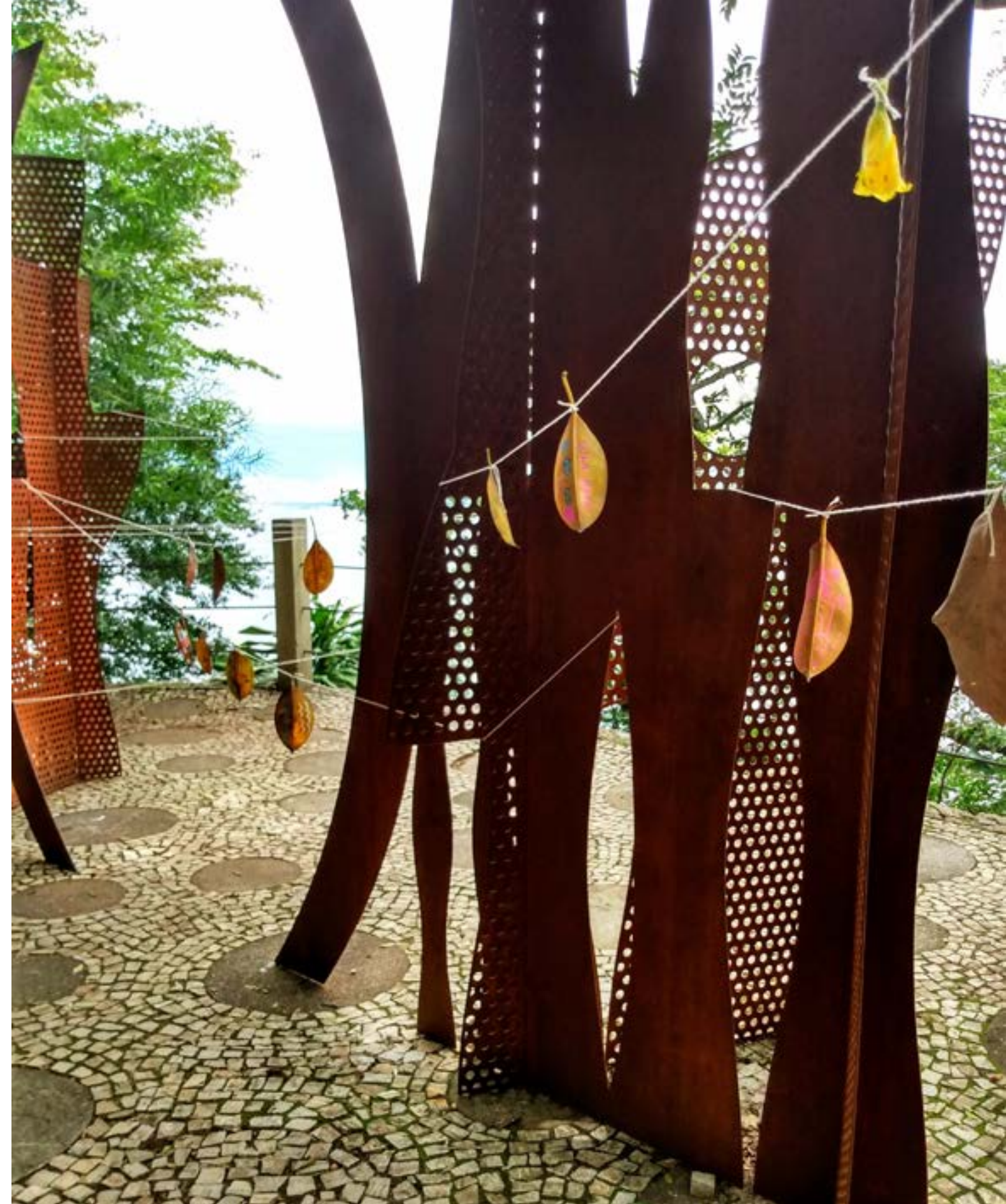
A experiência tem a ver com a formação e a transformação do sujeito. Uma educação mais experiencial seria uma educação mais vital, que tem a ver com viver mais intensamente, com que a nossa vida seja mais viva, que esteja mais cheia de vida, e de uma vida também, por que não dizer, mais consciente, mais inteligente, mais interessante [...]. Pensar uma escola mais rica em experiências, mas também pensar experiências mais ricas no mundo. A educação não está nem para o indivíduo, nem para sociedade, mas para o mundo; para transmissão, a comunicação e a renovação do mundo. [...] As pessoas educam-se entre si pela mediação do mundo. Isto é, o que está no meio é sempre o mundo ou algum fragmento do mundo.¹

Tomando as palavras do curador do Projeto Maravilha, Ulisses Carrilho, “um dos papéis mais bonitos das práticas educativas, em minha opinião, é como elas podem desmontar, dobrar, exercitar os limites de uma exposição”. Que possamos transbordar

os limites do Projeto Maravilha para criar rios e novos afluentes em nossas práticas educativas.

¹ Disponível em: <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/jorge-larrosa> Acesso em 15 out. 2024.

FOTO 01: Oficina “Teia do Mundo”, proposição de Jefferson Soares, realizada com o público interagindo com a obra “Parênteses” de Carlos Vergara.





A-Ponte tem como missão unir arte, educação e tecnologia para democratizar o acesso à cultura.

E poucos espaços são mais propícios para essa convergência como o Pão de Açúcar, um patrimônio cultural brasileiro. O Projeto Maravilha, uma idealização e realização de A-Ponte, apresenta em sua primeira edição três esculturas inéditas criadas por Carlos Vergara especialmente para o Bosque das Artes, uma área de preservação ambiental, no alto deste cartão-postal.

Nossa intenção é proporcionar uma vivência da arte contemporânea enquanto ampliamos a contemplação da paisagem e de toda a riqueza do Bosque da Artes, uma exuberante reserva de Mata Atlântica.

O Projeto Maravilha: Carlos Vergara conta com patrocínio da China National Petroleum Corporation (CNPC Brasil), apoio do Parque Bondinho Pão de Açúcar® e é viabilizado por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

Fábio Szwarcwald

DIRETOR EXECUTIVO DA A-PONTE

aPONTE

O Parque Bondinho Pão de Açúcar® é uma das mais famosas atrações do Rio de Janeiro e do Brasil, tendo recebido mais de 50 milhões de visitantes ao longo de seus 112 anos de história.

Situado em uma importante área de conservação ambiental e entre duas montanhas cobertas pela Mata Atlântica, Morro da Urca e Pão de Açúcar, o atrativo promove diversas iniciativas socioambientais com o objetivo de preservar a flora e fauna local, gerando impacto positivo para a cidade do Rio de Janeiro.

O Parque Bondinho ainda investe em experiências inesquecíveis e sustentáveis, proporcionando momentos especiais para cariocas e turistas em uma das vistas mais impactantes da Cidade Maravilhosa.



A CNPC Brasil é subsidiária da China National Petroleum Corporation, a terceira maior empresa de petróleo do mundo.

A corporação foi fundada em 1988 em Pequim, China. Opera globalmente desde 1993, totalizando, em 2024, investimentos em mais de 30 países e mais de um milhão de pessoas colaboradoras em todo o mundo.

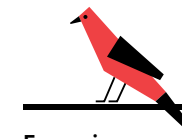
A CNPC também é membro da Iniciativa Climática de Óleo e Gás, que é liderada por dirigentes globais e focada em acelerar a ação para um futuro líquido zero consistente com o Acordo de Paris.



Bosque das Artes e a Jornada Digital

O Projeto Maravilha inaugura o Bosque das Artes no cume do Pão de Açúcar, patrimônio histórico e cultural do Rio de Janeiro com formação rochosa que data de cerca de 600 milhões de anos. Este refúgio, a 360 metros acima do nível do mar, é uma área de preservação ambiental onde a flora nativa e a fauna silvestre convivem em harmonia com a paisagem histórica.

Para ampliar a experiência do visitante foi criado, pelo percurso do bosque e da exposição, uma jornada digital pensada pedagogicamente para sensibilizar o público em relação a uma consciência ecológica ampliada. Por meio de QR codes espalhados pelo bosque, os visitantes iniciam o percurso guiado pelo pássaro tiê-sangue, anfitrião dessa jornada de arte contemporânea, ecologia e entretenimento. Neste material educativo, será possível acessar alguns desses conteúdos complementando a experiência e informações do leitor através de QR codes acompanhando alguns dos textos da exposição e da curadoria educativa.



Escaneie o
QR code e
entre no site do
projeto!



O **tiê-sangue**, símbolo da Mata Atlântica, é uma ave exclusiva do Brasil e considerada uma das mais bonitas do mundo. Foi uma das primeiras espécies de aves brasileiras registradas pela ciência. Sua plumagem é de um vermelho-vivo, que deu origem ao nome.

O pássaro foi escolhido para ser o anfitrião na jornada digital desenvolvida especialmente para o Projeto Maravilha. Uma escultura lúdica do pássaro em 3D, criada pela ilustradora Marina Smit, recebe os visitantes iniciando sua jornada estabelecendo relações entre arte, vida e natureza. A peça foi inspirada no tangram, quebra-cabeça geométrico chinês popularmente usado como um jogo educativo que estimula o desenvolvimento de habilidades cognitivas, do raciocínio lógico, da criatividade e da imaginação.

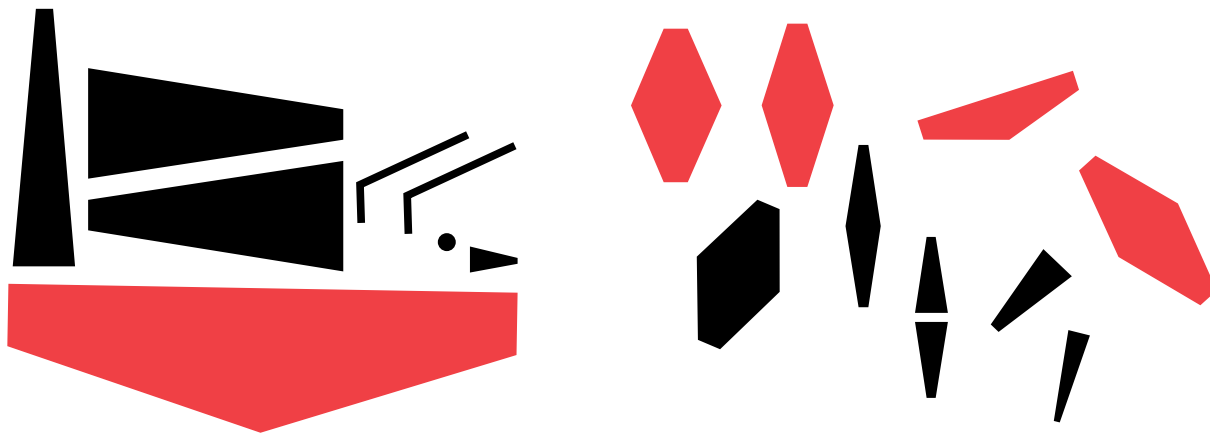


FOTO 02: Escultura Tiê-Sangue.
Fotografia: @clickbycria



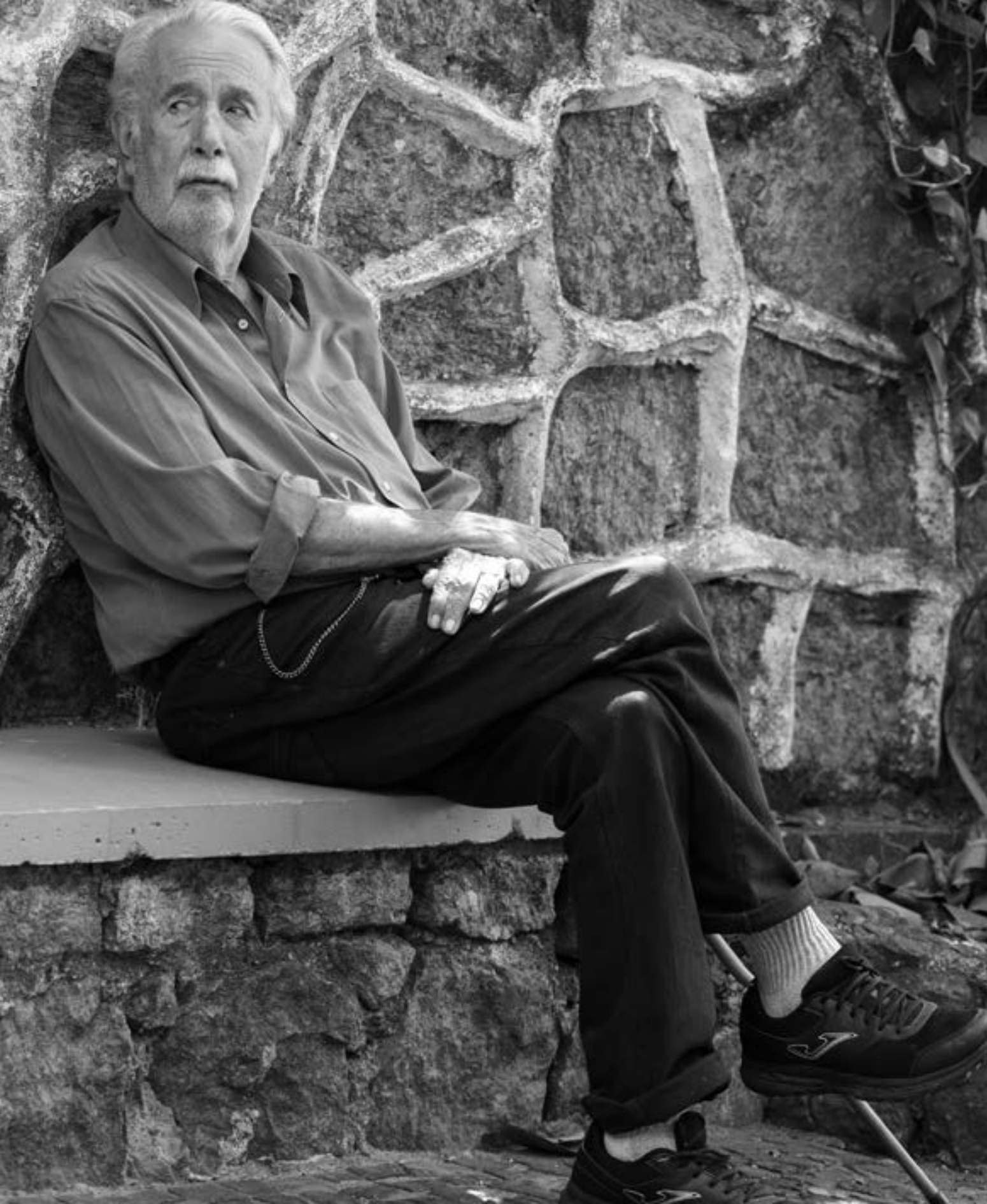
EXPOSIÇÃO

CARLOS VERGARA

Ulisses Carrilho
CURADOR

Ao longo de mais de seis décadas, Carlos Vergara tem interpretado o mundo em que vivemos com postura ética e veia poética que o posicionam entre os mais significativos artistas brasileiros contemporâneos – sua trajetória começa ainda nos meados de 1960 e mantém seu vigor até hoje. Desde os anos 1970, sua prática tem sido marcada por um profundo respeito e interesse pelas diferentes formas de vida – uma visão crítica que desafia o olhar apressado e uma mirada poética às formas que nos rodeiam. Vergara dialoga com a natureza e com diferentes grupos sociais, construindo uma obra que transita entre o bidimensional e o tridimensional, explorando a matéria com a mesma densidade que aplica às ideias. Sua pesquisa com a escultura inicia-se com o papelão e, ainda nos seus primeiros anos como artista, revela um interesse que excede o material. Suas esculturas mostram a capacidade do artista de não apenas investigar o volume, mas seu desejo genuíno de instaurar um lugar: criar um espaço que é simultaneamente físico e simbólico – que agora pode ser percebido num dos mais extraordinários relevos do mundo, o Pão de Açúcar.

Na série “Natureza Inventada”, Vergara encontra nas formas vivas uma fonte inesgotável de abstração. Ao realojar e reorganizar essas formas, ele não apenas representa a natureza, mas também a recria, propondo uma nova percepção do espaço natural. As investigações que realizou



no Cacique de Ramos, nos anos 1970, além de uma atenção às formas alternativas de organização social, foram indício de uma ética que perpassa toda a sua obra, em que a arte é um meio para se engajar com o mundo de modo consciente, responsável e que, frequentemente, revela os limites da compreensão racional. Um cuidado com a experiência, um “olhar para fora” que apostam em combinar a criação do artista à experiência do espectador. Vergara nos convida a olhar além do óbvio, a perceber as sutilezas da vida natural: sem que passem despercebidas, tais formas atuam como agentes de ampliação de nossa consciência sobre tudo aquilo que pulsa e vive. A abstração em Vergara não é um mero exercício formal; é uma investigação profunda sobre a essência do que nos cerca, sobre as forças invisíveis que moldam o mundo natural e que, em última análise, são essenciais para nossa compreensão do lugar que ocupamos nele.

O Projeto Maravilha busca repercutir tal ética tomando inspiração na poética que permeia o trabalho de Carlos Vergara. Nome incontornável da arte brasileira, o artista convoca um olhar sensível: ultrapassar a escultura, atribuir sentido ao fora, ao exterior, ao mundo natural. Quiçá, por meio da arte, propor alternativas ao individualismo do mundo contemporâneo, reajustando sensibilidades, na direção de

uma consciência expandida, em direção de tudo aquilo que é vivo.

Situado em uma reserva de Mata Atlântica, o projeto instaura um espaço onde arte e natureza, manifestamente, convergem em um diálogo contínuo, ao ar livre. No generoso espaço entre os parênteses, que vislumbram o exorbitante relevo carioca, o artista opera nas fronteiras artificiais que a modernidade criou entre natureza e cultura desorganizando a rígida separação entre o que é construído e o que é natural, propondo tempos em que a arte, à revelia da ordem do dia, insiste em se tornar um catalisador de mudança, dinamitando antigas noções e abrindo espaço para novas possibilidades de coexistência interespecies. Assim, com farta dose de utopia e o peso da realidade, de um mundo em urgência ecológica e climática, as obras de arte ampliam nossa consciência planetária, inspirando uma interdependência mais profunda e uma solidariedade que transcende as divisões impostas pela sociedade, reintegrando o humano ao tecido vivo da Terra – apenas por um instante, tão eterno quanto fugaz.

CARLOS VERGARA: UM CORPO NO MUNDO

Carlos Vergara inscreve-se em uma linhagem de artistas que fazem da caminhada e da exploração não apenas uma prática estética, mas também uma ética de engajamento com o mundo. Suas incursões por trilhas, matas e florestas revelam uma busca incessante por compreender e registrar as marcas deixadas pelo tempo e pela cultura nos mais diversos ambientes. Com o corpo em movimento, ele traça novos mapas e reinterpreta antigos caminhos, numa jornada que é tanto física quanto espiritual. Suas monotipias são exemplo de trabalhos que capturam esse encontro direto com a paisagem, numa forma de marcar o terreno onde a natureza e a história se entrelaçam.

Essa prática, que se devota à experiência e mergulha o artista no mundo de forma tão visceral, também convida o espectador a assumir um papel ativo na experiência estética. Vergara não oferece apenas obras para serem contempladas, mas lentes através das quais se pode redescobrir o ambiente ao redor. O corpo do artista, em movimento, torna-se uma extensão do corpo do espectador, possibilitando novas formas de ver e entender o mundo. Ao adentrar esses espaços e propor novas narrativas, Vergara nos lembra da importância de estar presente, de se inscrever no tempo e no espaço, e de participar ativamente na construção de sentido.

BIOGRAFIA DO ARTISTA

Carlos Vergara

SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL, 1941

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Sua produção artística, iniciada nos anos 1960, é marcada por um vigor poético e pela constante exploração de diferentes linguagens e suportes. Nos anos 1970, destacou-se por investigar a identidade nacional por meio de alegorias à natureza, criando murais, painéis e ambientes imersivos em parceria com arquitetos em diversos países, utilizando técnicas artesanais brasileiras. Durante esse período, no efervescente cenário cultural do Rio de Janeiro, Vergara registrou fotograficamente a boemia e os grupos marginalizados. Em sua série sobre o Carnaval, capturou a força coletiva em plena Ditadura Militar. Parte do movimento da Nova Figuração Brasileira, propôs uma abordagem que desafiava as divisões entre arte e artesanato, erudito e popular. Nos anos 1980, Vergara participou da Bienal de Veneza e de importantes bienais no Brasil, como a Bienal de São Paulo, além de exposições internacionais, consolidando sua posição como um dos principais artistas brasileiros contemporâneos. Nessa década, voltou à pintura, abandonando o figurativismo e incorporando pigmentos naturais e minérios, refletindo uma ética de transformação da matéria em arte. Suas obras integram importantes coleções, como as do MAM Rio, da Pinacoteca de São Paulo e do MAC Niterói, entre outras.



FOTO 04: Fotografia: Jaime Acioli.

PROGRAMA EDUCATIVO

A ideia é provocar um pequeno susto, que não é um susto de medo, é um “espera aí”, e você foi atingido no teu sutil, e isso, eu acho, é a função da arte. A ideia de arte, a meu ver, é acender o sutil que você tem por dentro...

– Carlos Vergara

Com inspiração na declaração do artista Carlos Vergara, a curadoria educativa do Projeto Maravilha têm como intenção “acender o sutil”, esse campo sensível do poético, reflexivo, imaginativo e criador que devemos manter vivo dentro de nós.

Como ponto de partida, temos a arte contemporânea, a natureza e nossas relações com o meio ambiente. Mas quais relações queremos provocar, acender? Relações de respeito e cuidado com a natureza, relações sustentáveis com o meio ambiente, estados sensíveis de afetar e ser afetado pela arte, pelo outro, pelos seres humanos e não humanos. Esse movimento de conexão revela-se essencial à transformação da qualidade da vida planetária, da qual o humano é integrante numa cadeia sistêmica complexa, dinâmica e coexistente.

O projeto tem o privilégio de estar em pleno bioma Mata Atlântica, em um monumento geológico de quase seiscentos milhões de anos, em um local, uma geografia e uma paisagem que contam a história da formação de nossa cidade, de nossas origens e relações ancestrais. Tendo a arte como ponte e diálogo entre essas imponentes presenças e testemunhos da história.

A proposta é estimular práticas e abordagens que proporcionem o fazer, o olhar, o pensar e o sentir. Compreender os múltiplos

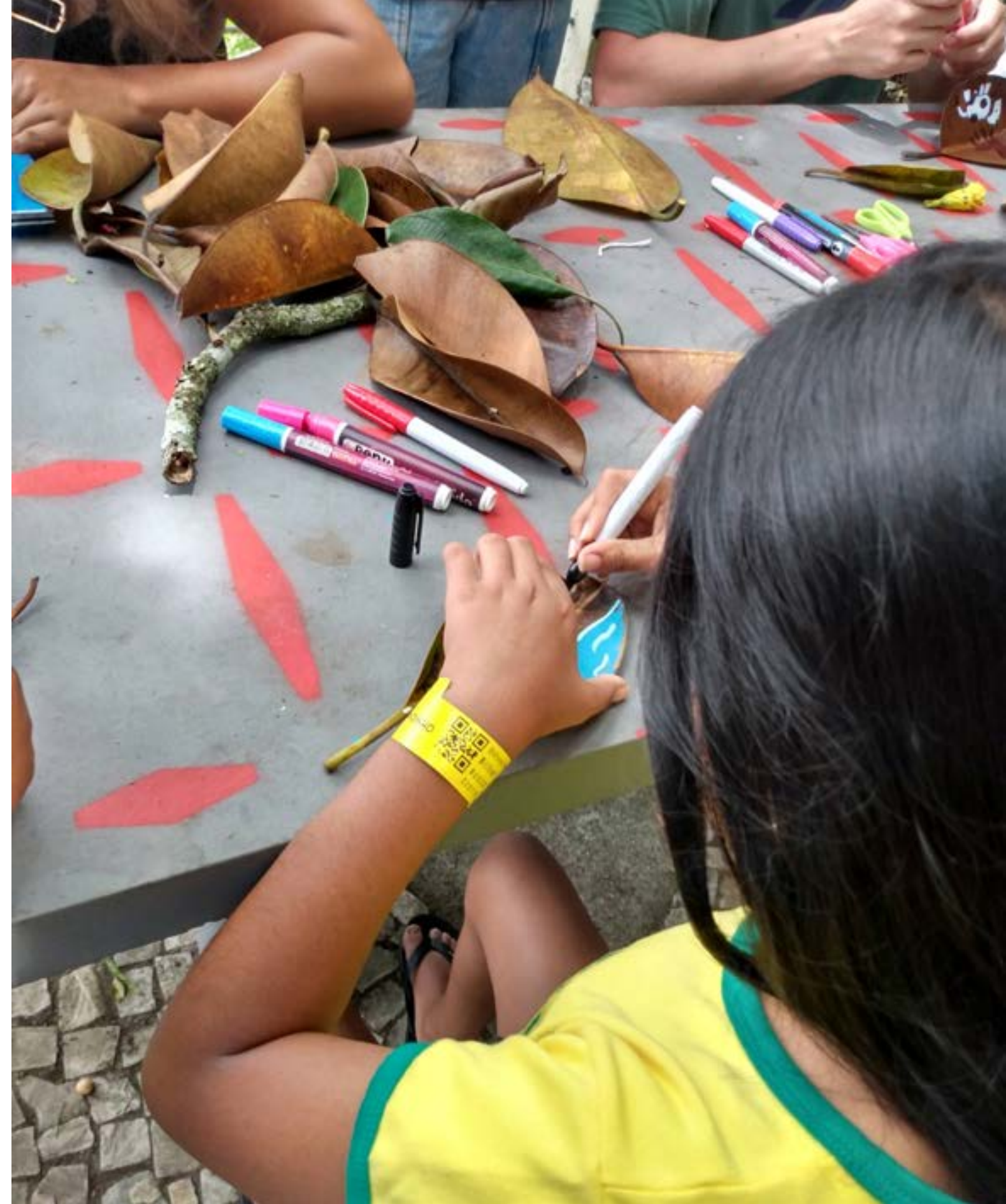
significados de uma obra de arte é muito importante, mas, para que esta compreensão se transforme em um novo valor de vida, precisamos levantar questões a partir de nossas próprias experiências e descobrir sentidos ao relacionar o que estamos vendo com nossas próprias vidas e o mundo a nossa volta. Por meio deste material educativo, vamos buscar estabelecer diálogos entre a arte, o cotidiano, a natureza/mundo, a contemporaneidade e nossas experiências pessoais e compartilhadas. Essas relações presentificam histórias e favorecem a descoberta de sentido e dos sentidos.

Através das obras e intervenções do artista Carlos Vergara, vamos abordar as múltiplas relações e os diálogos que elas estabelecem com o entorno (a natureza e a paisagem), o local onde se encontram (a Urca e o Pão de Açúcar) e, claro, as intenções e motivações do artista em diálogo com a arte contemporânea e com sua própria trajetória e investigações artísticas.

Partimos da premissa de que a “arte é uma peça de conversação”², como bem expressou o próprio artista. Para Vergara, o projeto da arte deve ter um discurso que faça sentido para o outro, que mobilize o outro, em que haja uma troca. A arte deve ser motivo de conversa e adensamento da vontade de viver. Então, vamos conversar?

² Disponível em <https://institutomesa.org/revistamesa/edicoes/2/um-artista-viajante>
Acesso em: 15 out. 2024.

FOTO 05: Oficina “Teia do Mundo”, proposição de Jefferson Soares a partir da obra Parênteses.



CONVERSAS COM AS OBRAS

PARÊNTESSES

DA SÉRIE “NATUREZA INVENTADA”

Em toda a sua trajetória, Carlos Vergara demonstra vigor e atenção para as formas. Com mais de três metros de altura, a monumentalidade desta obra não se impõe sobre o espaço – a abertura de um espaço entre os Parênteses, a oxidação do aço corten adulterando sua cor e a perfuração do material, que gera uma dinâmica entre luz e sombras no espaço, podem ser compreendidos como a busca por travar um diálogo com o mundo exterior. Ao reconhecer o valor incontestável da geografia onde se insere, justapõe nesta série formas que aludem ao corpo humano, como aquelas dos olhos. A formação rochosa do Pão de Açúcar, com seus quase seiscentos milhões de anos, não é apenas um detalhe do cenário; é uma presença fundamental que orienta o fazer artístico de Vergara, conferindo a suas esculturas uma nova camada de sentido, em que a cultura e a natureza se entrelaçam de maneira quase imperceptível, mas profundamente significativa.

Ulisses Carrilho
CURADOR



Acesse o QR code abaixo para ver um vídeo da obra Parênteses.





PROJETO EDUCATIVO

O MUNDO ENTRE PARÊNTESSES

A escultura instalada no Pão de Açúcar faz parte de uma série do artista chamada “Natureza Inventada”, que se desdobra em pinturas, fotografias, esculturas, e que nasce do olhar atento e observador do artista andarilho fotógrafo, que percorre caminhos e lugares para olhar, se inspirar, se embrenhar de mundo. Amante e observador da natureza, inventa sua própria e se apropria de seu repertório, através de texturas, formas, sombras, pigmentos, rastros...

A escolha da obra “Parênteses” para ser instalada em um local aonde as pessoas vão para olhar e admirar a paisagem do Rio de Janeiro não é por acaso. Com essa escultura, ele coloca a paisagem entre parênteses, a obra não existe sozinha, ela trabalha colocando o mundo, o espectador, a natureza, o horizonte entre parênteses. Arte/natureza/cultura/humanos e não humanos, juntos, em diálogo, interdependentes e conectados, como a vida deve ser.

FOTO 07: Visita mediada do educativo com o público no Bosque das Artes.

Lá do alto, o horizonte emoldurado é o infinito entre parênteses! Só a arte e a imaginação humana têm essa capacidade, e Vergara sabe disso, e usa isso a seu favor. Sabe da importância que a arte tem para acender o “sutil”, o poético que existe dentro de todos nós. E no alto do privilegiado Morro do Pão de Açúcar, onde o tempo parece desacelerar e nos suspender da correria da cidade, podemos então parar e simplesmente admirar a paisagem/mundo (entre parênteses!).

Esta paisagem é também palco de muitas histórias, umas mais contadas do que outras, algumas que precisam ser conhecidas e outras talvez esquecidas. Qual a história da nossa cidade que queremos colocar entre parênteses?

Na escola nos ensinam que os parênteses servem para isolar um enunciado que intercala outro enunciado, servindo de complemento ou explicação, mas não sendo essencial para a compreensão do texto. O sociólogo e crítico literário moçambicano João Pedro George é um admirador dos parênteses e apresenta uma visão muito mais interessante de seu uso e significado na narrativa de um texto, que parece fazer mais correlação com o sentido que a obra do Vergara nos propõe.

Os parênteses, justiça lhes seja feita, opõem-se aos discursos encerrados na ordem e na coerência de sistemas lineares e contínuos, que nos asfixiam



FOTOS 08 e 09 Fotografia: Fábio Souza.



FOTO 10: Fotografia: Jaime Acioli.

com as vulgaridades obrigatórias sobre o divino e o humano, impedindo toda a extravasão. [...] Os parênteses remetem para a multitude de vozes que nos cercam; sugerem que as ideias estão em permanente movimento de recomposição e desarrumam a nossa maneira cômoda de pensar.³

Então, nesse aspecto, se Vergara com sua obra coloca a paisagem do Rio de Janeiro entre parênteses, o que isso poderia “desarrumar” em nossa forma de pensar a cidade e de contar sua história?

A história do Rio de Janeiro, ou melhor, da região onde foi fundada a cidade, tem uma ocupação muito mais antiga do que sua fundação, em 1565, na praia entre o Morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar. A descoberta de sítios arqueológicos nas proximidades das margens da Baía de Guanabara é indício de que a região já tinha sido ocupada por povos sambaquieiros, grupos de pescadores-coletores que habitaram o litoral brasileiro por cerca de sete milênios, construindo os sambaquis, depósitos de conchas, ossos, areia e terra.

Quando as numerosas tribos de dialetos tupi chegaram ao litoral, esses grandes depósitos de conchas já se encontravam aqui, e a palavra “sambaqui”, de origem tupi-guarani, significa “monte de conchas”.

³ Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/entre-parenteses/4630#> Acesso em: 21 out. 2024.

De acordo com estudiosos, acredita-se que o povo tupinambá tenha se instalado na baía de *Kûânãpará* cerca de 1.500 anos antes da chegada dos europeus no início do século XVI. Tupinambás e temiminós, tribos do tronco tupi, dividiam as terras junto à orla da grande enseada da Guanabara, que os temiminós chamavam de “seio do mar”, baía arredondada e abundante em pesca. Apesar de serem inimigos, ambos os povos pertenciam ao grande tronco tupi, adotando língua, costumes, religião e organização semelhantes.

Já na língua guarani, *kua gua mba ará* significa “abraço todos os dias”, um abraço da floresta, *Nhe éry*, que circunda (ou circundava de maneira mais frondosa em outros tempos) a Baía da Guanabara. Floresta essa “onde os espíritos se banham e sentimos o nosso sopro de vida”.⁴

Uma terra sem males⁵, onde povos indígenas viviam em perfeita comunhão com a natureza, com uma paisagem luxuriante e inebriante, de flora e fauna tropicais nunca antes vistas pelos olhos europeus, rodeadas de um imponente maciço montanhoso que desenhava o horizonte em curvas. Árvores

⁴ Disponível em <https://selvagemciclo.com.br/comunicacoes/os-nomes-da-mata>

Acesso em: 18 out. 2024

⁵ Na mitologia guarani, **a terra sem males** (*Yvy marã e'y* em guarani) faz referência ao mito que fala do profundo anseio do ser humano por um mundo melhor, mais feliz, sem guerras e sem maldades.

gigantescas, orquídeas, borboletas imensas, frutas exóticas, papagaios, tucanos, garças e araras que voavam em grandes bandos, colorindo o céu. Em suas águas cristalinas, baleias, golfinhos e grandes cardumes de sardinhas, corvinas, robalos, tainhas, xereletes e outros peixes. Entre o mar e o maciço, afloravam pequenas colinas rodeadas de pântanos, lagoas e manguezais, além de um sem-número de rios desaguando nas margens da baía.

E lá estava ele, nosso tão imponente e querido Pão de Açúcar, presenciando e testemunhando essa história. O pastor, missionário e escritor francês Jean de Léry, em sua obra *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil* (História de uma viagem feita à Terra do Brasil), de 1578, descreve de forma detalhada a chegada em nossa baía e a presença, inefável, deste monumento geológico, curiosamente denominado pelos franceses de “pote de manteiga”:

Quem deixa o mar grande, precisa costear três pequenas ilhas desabitadas, contra as quais os navios, se não são bem dirigidos, correm grande perigo de bater e despedaçar-se, e a embocadura é bastante penosa. Depois d’isto é preciso passar um estreito, que não chega a ter um quarto de légua de largura, e é limitado do lado esquerdo, ao entrar, por uma montanha e rochedo piramidal, que não é somente de maravilhosa e excessiva altura, mas também, ao vê-la de longe, dir-se-ia, que é artificial; e com

efeito por ser ela redonda, e semelhante a uma grossa torre, nós, os franceses, por modo hiperbólico, a denominávamos *pot-au-beurre** (pote de manteiga).⁶

* *pot-au-beurre* eram grandes vasos em formato cilíndrico feitos de terra vermelha e envernizados com minério de chumbo que eram usados para vender manteiga no mercado de Uttoxeter.

Mas o nome que pegou mesmo foi dado pelos portugueses, ou melhor, por Padre José Anchieta que, em meados do século XV, foi um dos primeiros europeus a ver o gigantesco monolito, e relatou: “Ao entrar na barra tem uma pedra mui larga ao modo de um pão de assucar e assim se chama e de mais 100 braças em alto que é cousa admirável”.⁷

O nome vem da semelhança entre a imensa pedra na entrada da Baía de Guanabara e os recipientes utilizados para transportar açúcar da Ilha da Madeira até a Europa, no século XVI, que eram conhecidos como pães de açúcar e tinham um formato parecido com o dos sinos de igreja (uma espécie de cone).

Não se sabe ao certo como os nativos da época chamavam o Pão de Açúcar, alguns historiadores atribuem a palavra em tupi “*Pau-nh-açuquã*” que significa “morro alto

⁶ Disponível em <https://diariodorio.com/william-bittar-kuanapara-uma-terra-sem-males-antes-de-um-rio-de-janeiro> Acesso em: 18 out. 2024.

⁷ Disponível em <https://vejario.abril.com.br/cidade/bondinho-pao-de-acucar> Acesso em: 18 out. 2024.

e pontudo”. Mas foi a partir da segunda metade do século XIX que o nome Pão de Açúcar se tornou mais conhecido, na Europa principalmente, por conta das pinturas e gravuras de artistas que integraram as missões artísticas que vieram ao país para documentar a paisagem, a cidade, os costumes e os povos que aqui viviam.

Esse território do Rio de Janeiro, antes de sua fundação em 1565, emergiu e cresceu “sobre os escombros das aldeias e da identidade cultural de comunidades tupinambás como a Karióka, carregando o nome de batismo da taba mais famosa do Brasil, localizada à esquerda da embocadura da baía de Kúánãpará”.⁸

De acordo com o autor do livro *O Rio antes do Rio*, o jornalista Rafael Freitas da Silva,

o termo “carioca” precisa ser recolocado em sua verdadeira origem. Ou seja, ele nada mais é do que o nome da mais importante taba nativa tupinambá, que se localizava às margens do rio que herdou seu nome. Suas terras ficavam onde hoje estão os bairros do

⁸ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/02/21/interna_pensar,1123371/livro-rio-antes-do-rio-mostra-que-os-cariocas-originais-eram-tupinam.shtml Acesso em: 18 out. 2024.

Flamengo, Laranjeiras, Largo do Machado, Catete e Glória. [...] Quando as naus colonizadoras adentravam a Baía da Guanabara, a taba da Karióka era a primeira a ser avistada.⁹

De acordo com o jornalista, viviam no entorno da Baía da Guanabara pelo menos 84 aldeias que tinham, cada uma, entre duas mil e dez mil pessoas, segundo relatos dos franceses, os primeiros que tiveram contato com os tupinambás. Durante centenas de anos, os tupinambás resistiram aos colonizadores portugueses. Infelizmente, a fundação de nossa cidade foi marcada por grandes e sangrentas batalhas travadas contra os nativos em disputas por esse território.

Em nome de um dito progresso de uma outra ordem e visão de mundo, que não eram as dos povos originários que aqui habitavam, de uma lógica exploratória e de um entendimento da natureza como sendo um bem de consumo, nossos antepassados indígenas tiveram que assistir “à poluição de suas águas, extermínio de vários animais, captura de suas aves, esterilização de suas terras, comprometimento de sua saúde frágil diante dos males civilizados, que pouco a

⁹ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/02/21/interna_pensar,1123371/livro-rio-antes-do-rio-mostra-que-os-cariocas-originais-eram-tupinam.shtml Acesso em: 18 out. 2024.

pouco consumiriam seus habitantes e aquela terra sem males”.¹⁰

O que teria acontecido se os europeus não tivessem aportado por aqui e os tupinambás continuassem a habitar as ilhas e a orla da baía? Quando Ailton Krenak, líder e pensador indígena, nos diz que o futuro é ancestral, entendemos que nossas respostas para um futuro possível estão lá atrás, em nossos ancestrais, e em como viviam em conexão e comunhão com a natureza, uma outra lógica e princípio de existência e pertencimento com o mundo humano e não humano.

É fundamental conhecermos nossas origens ancestrais e outras histórias (entre parênteses) deste território, histórias decoloniais, pois será a partir delas que conseguiremos criar outras e novas narrativas. Nosso movimento em direção ao futuro precisa olhar para o passado através de outras janelas. “Toda essa complexa crise de relações que os humanos estão vivendo nada mais é do que o reflexo de séculos de uma caminhada mal feita, pois antes quase todos viviam na natureza, com a natureza e da natureza.”¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://diariodorio.com/william-bittar-kuanapara-uma-terra-sem-males-antes-de-um-rio-de-janeiro> Acesso em: 18 out. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.mandalalunar.com.br/cultura-regenerativa/teko-pora-o-sistema-milenar-educativo-de-equilibrio> Acesso em 20 out. 2024.

Esse é apenas um dos parênteses que podemos abrir nas tantas histórias que fazem parte de nossa cidade. Seguramente existem muitos outros parênteses para abrir. Sua própria história de vida, a história de sua família e sua linhagem são também importantes para serem resgatadas e contadas, pois todos “os seres humanos, independentemente de sua tribo, de sua cultura, compartilham uma memória. [...] Cada um deve ser infinitamente importante [...] Construimos a nós mesmos por meio das nossas histórias”.¹²

Que possamos então abrir nossos parênteses de pensamento sobre a vida e sobre nossa história, e mergulhar de cabeça neles, para perceber o que realmente importa. Vergara acredita que a arte é para tornar mais densa e intensa a vida. “Porque a arte existe para ajudar a viver. E vamos nós!”¹³

¹² Disponível em: <https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/manifesto> Acesso em: 30 out. 2024.

¹³ Trecho da conversa do artista em seu ateliê com a equipe do programa educativo, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, em 4 out. 2024.

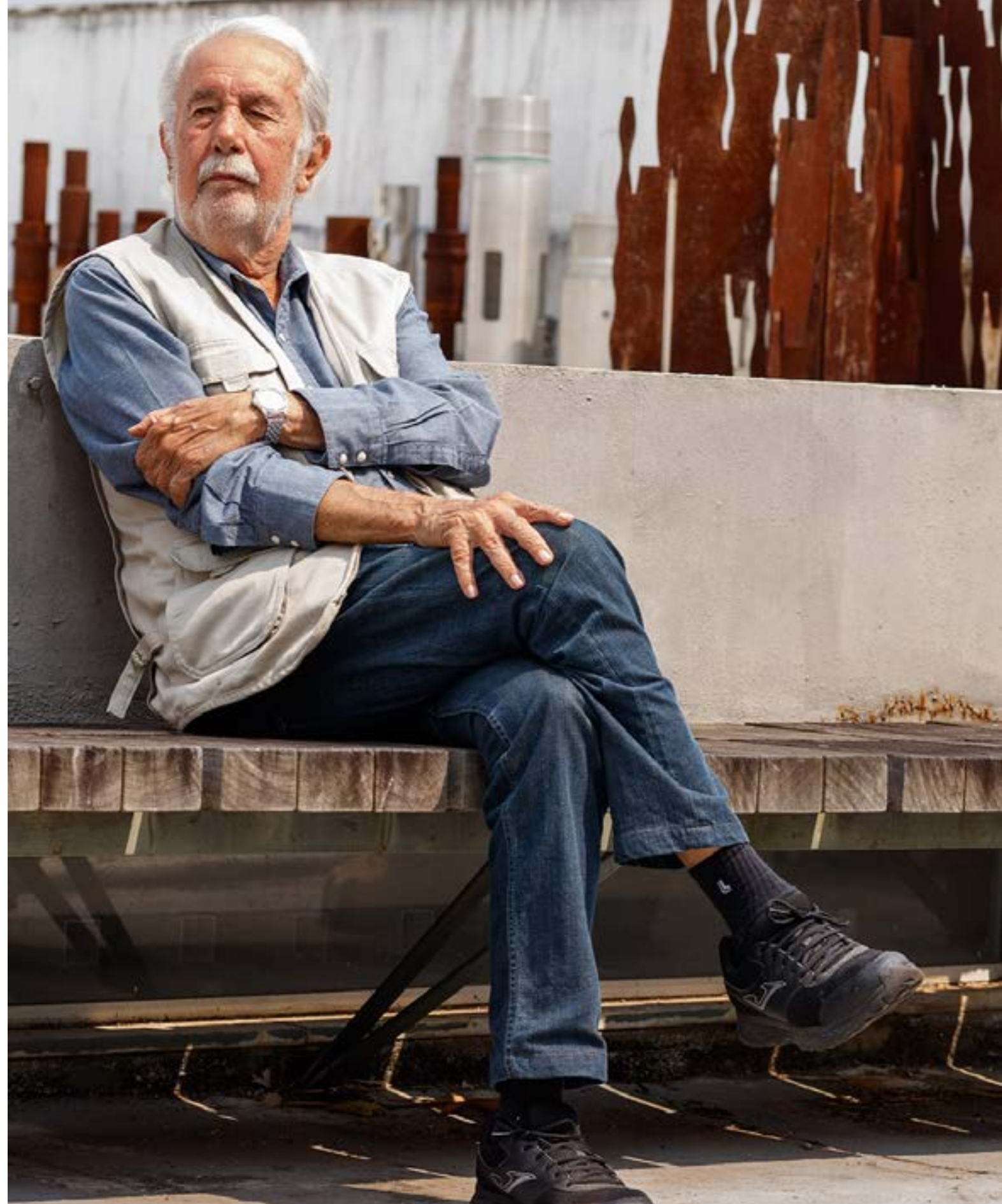
DEPOIMENTOS DO ARTISTA:

“Chamo essa série de esculturas de “Natureza Inventada”. Comecei esse trabalho recortando formas em papelão nos anos 1970. A ambição do desenho ganhar tridimensionalidade. O encaixe simples foi um meio de alcançar esse desejo. Essa escultura não quer ser uma representação de outra coisa qualquer mas ter vida própria. Gosto desse material, o aço corten, pela cor da oxidação, que também é um sinal do tempo. Uma espécie de pele com imperfeições, sinais e texturas. Corpos inventados que recortam a paisagem.”

“A obra ‘Parênteses’ é mais atual, me interessa por essa posição de poder isolar alguma escolha sua, o que você coloca entre parênteses.”

“Você pode botar ou a linha do horizonte atrás, ou o Rio de Janeiro e você ficar entre parênteses. Além de ter uma foto da paisagem, tem ainda uma coisa a mais. Você trabalha com a paisagem, e essa é a ideia.”

FOTO 11: Fotografia: Jaime Acioli.



DIÁLOGOS E INSPIRAÇÕES:

Bernardo é quase árvore

Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe
E vêm pousar em seu ombro.
Seu olho renova as tardes.
Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho;
1 abridor de amanhecer
1 prego que farfalha
1 encolhedor de rios - e
1 esticador de horizontes.
(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três
Fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.)
Bernardo desregula a natureza:
Seu olho aumenta o poente.
(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua
Incompletude?)

– Manoel de Barros

não é só sobre o que se está vendo
é sobre o que se está ouvindo quando se está vendo
não é só sobre o que se está ouvindo quando se está vendo
é sobre o que se está sentindo quando se está ouvindo o que
se está vendo
não é só sobre o que se está sentindo quando se está ouvindo
o que se está vendo
é sobre o que se pensa quando se está sentindo o que se está
ouvindo quando se está vendo
não é o que se pensa quando se está sentindo o que se está
ouvindo quando se está vendo
não é o que se está sentindo quando se está ouvindo o que se
está vendo
não é o que se está ouvindo quando se está vendo
é só o que se vê

– Luiz Zerbini, poema do livro *Rasura*

TÓPICOS PARA REFLEXÃO E DEBATE:

Que histórias cada um de nós poderia colocar “entre parênteses”?

Você conhece outros artistas que trabalham ou se inspiram a partir da natureza?

Que repertórios estéticos e ou artísticos podemos aproveitar da natureza?

Quais formas existem na natureza?
De onde pode vir o repertório de formas da arte?

Qual a diferença entre uma arte abstrata e uma figurativa?

De que materiais você acha que uma obra de arte pode ser feita?

Como um desenho pode ganhar tridimensionalidade?

Como colocar uma “folha” de papelão em pé?

Você já parou para olhar os vãos e vazios que existem nas formas da natureza?

FOTO 12: Oficina “Esculturas e encaixes”,
proposição de Bia Jabor e Flávia Naves, inspirada em
procedimento e maquetes do artista Carlos Vergara.

DESDOBRAMENTOS EM SALA DE AULA:

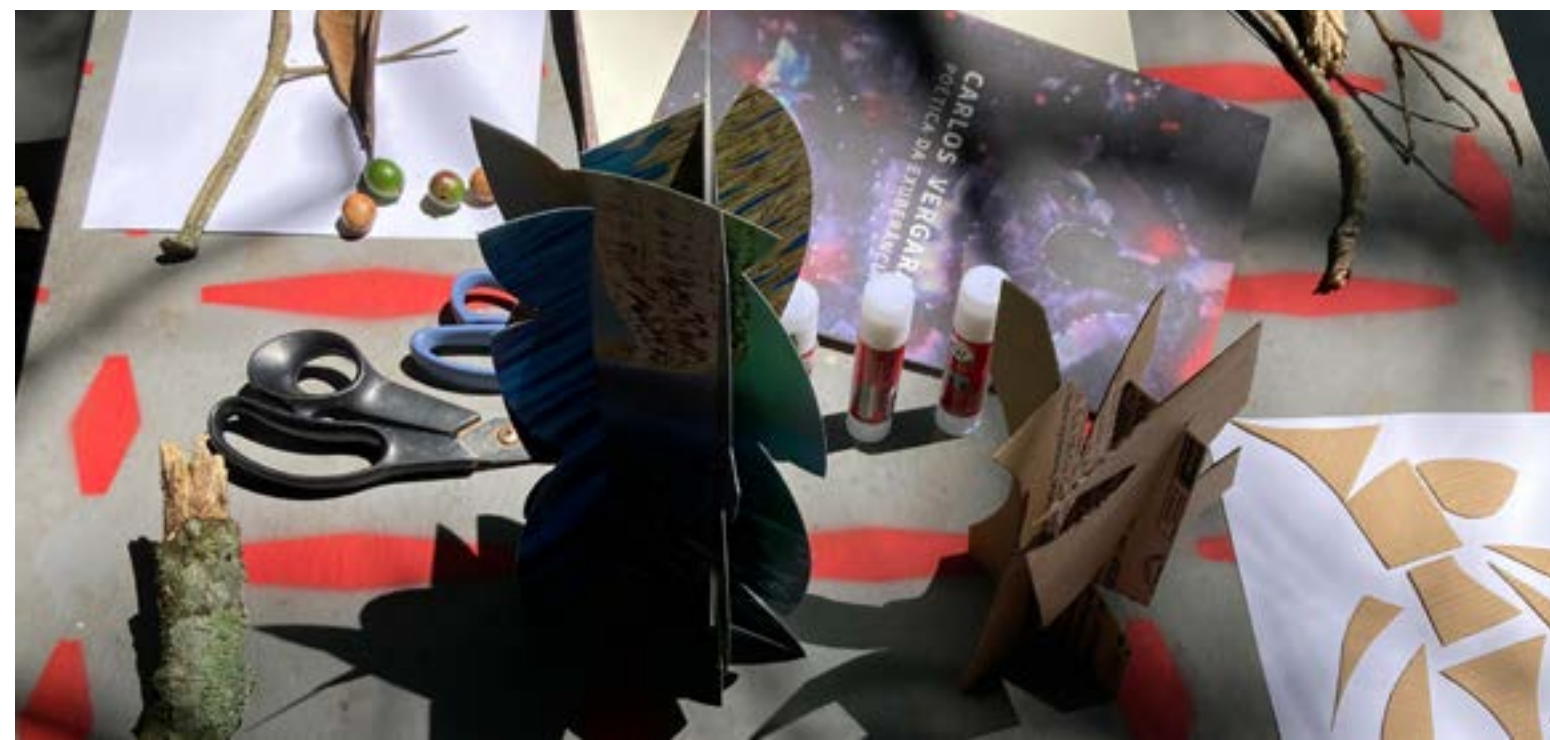
Que tal sair um dia fotografando a natureza com os alunos? O que será que chama mais a atenção do olhar? O que escolher para fotografar?

Às vezes, em alguns locais da cidade, pode parecer que não tem muita natureza ao redor, mas a natureza está em toda parte... quando olhamos para o céu, nas plantas que temos em casa, na terra de um canteiro, quando vemos pela janela a lua e as estrelas, nos pássaros voando e em seus cantos, em nossos animais de estimação, e em nós mesmos, pois somos também natureza!

Peça para seus alunos começarem a reparar nas sombras e em suas formas projetadas pelo chão. Um exercício interessante é desenhar as sombras projetadas de uma

árvore, por exemplo. Se for na rua ou nas calçadas, pode ser feito com giz ou pode-se colocar uma folha de papel branco onde a sombra está sendo projetada e contornar a forma com lápis. A série de esculturas do artista de que a obra “Parênteses” faz parte nasce do desejo e da inquietação do artista de sair do plano e ir para o espaço, e da “pergunta” que fez a si mesmo em suas experimentações, no seu ateliê, “como colocar um papelão em pé?”. Sobre esse momento, o artista comenta: “Comecei esse trabalho recortando formas em papelão nos anos 1970. A ambição do desenho ganhar tridimensionalidade. O encaixe simples foi um meio de alcançar esse desejo. [...]. Esse desafio pode ser proposto aos alunos como um desdobramento dessa obra e dessa série de esculturas do artista.

Ver mais em <https://www.ateliecarlosvergara.com/natureza-inventada>



CONVERSAS COM AS OBRAS:

PAUTA MUSICAL

“Pauta Musical” nasce no ateliê do artista, em Santa Teresa e, agora, no Projeto Maravilha, ganha escala e dimensão pública. Em aço moldado a calor, as linhas paralelas sugerem a estrutura de uma partitura, com a presença de uma clave de sol: símbolo musical usado para a grande maioria dos instrumentos. Ao pousar sobre as linhas, os pássaros tornam-se as notas de uma composição efêmera: de maneira poética, o artista instaura um espaço de potencial meditativo, que protesta contra a aceleração. Ao passo que tal estrutura se faz às vezes de local de pouso das aves, torna-se um dispositivo visual que sublinha a beleza sonora do canto dos pássaros.



Acesse o QR code abaixo para ver um vídeo da obra Pauta Musical.



FOTO 13: Fotografia: Jaime Acioli.

Ulisses Carrilho
CURADOR



PROJETO EDUCATIVO

A MÚSICA DA NATUREZA

Você já parou para simplesmente ouvir a música da natureza? Quantos sons deixamos de ouvir/sentir no corre-corre da vida cotidiana, na maioria das vezes longe da natureza? E quais passaram a ser nossas paisagens sonoras, ou melhor, nossas poluições sonoras, vivendo nas grandes cidades? Motos, carros, buzinas, sirenes, sons de construções e obras, música alta....

Estudos comprovam o que intuitivamente todos sabemos ou em algum momento da vida experimentamos: que os sons da natureza acalmam a mente e nos conectam a um estado de paz interior. Somos natureza e nos esquecemos disso, mas, em um ambiente de paisagem natural, ouvindo e sentindo os sons ao redor, nos reconectamos com nossa essência.

Um estudo realizado pela Universidade de Exeter, na Inglaterra, comprovou que pessoas que moram em bairros arborizados e com mais aves por perto estão menos propensas a desenvolver problemas de saúde, como os causados pelo estresse. No Brasil, temos o privilégio de ter cerca de 20% das aves

do mundo, o equivalente a 1.919 espécies. Passarinho, esse hábito de observar e estudar as aves, é uma terapia natural, aumenta nossa capacidade de atenção e estimula sentidos, como audição e visão, ajuda a combater a depressão e a ansiedade e nos reconecta à natureza que somos.

O artista Vergara tem esse hábito, tanto que fez essa obra para que as aves pousem e nos mostrem sua música cantada, mas também a música imaginária que compõem ao interagir com sua “Pauta Musical” instalada em meio à natureza do bosque. E então, vamos passarinho?

Em uma sociedade cada vez mais imersa nas telas e no mundo virtual, prevalecendo o consumo e desconexão com o planeta, nossos sentidos adormecem e percebemos menos a vida pulsando e se transformando à nossa volta.

Eu queria tomar as coisas do jardim para, com elas, reconstruir uma saudade. Usar as cores, os gostos, os perfumes, os sons, as sensações táteis como pontes para voltar a algum lugar do passado, que mora dentro de mim. – Rubem Alves

Ailton Krenak, ambientalista e líder indígena, fala do nosso direito à florestania, o direito que todos nós temos de ter acesso à floresta e sua sabedoria, nosso direito à natureza. Em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, fala da liberdade que foi viver, desde sua infância, em confluência com a natureza e os seres humanos e não humanos.



FOTO 15: Oficina “Ninho dos Sons” com argila e elementos da natureza, proposição de Richard Enbel a partir da obra "Pauta Musical".



FOTO 16 e 17: Montagem para a oficina "E se eu fosse um passarinho?", proposição de Cassia Lyrio.



Essa liberdade que tive na infância de viver uma conexão com tudo aquilo que percebemos como natureza me deu o entendimento de que eu também sou parte dela. Então, o primeiro presente que ganhei com essa liberdade foi o de me confundir com a natureza num sentido amplo, de me entender como uma extensão de tudo, e ter essa experiência do sujeito coletivo. Trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, numa montanha, num peixe, num pássaro, e se implicar. A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. (Krenak, 2019, p. 52)

Precisamos urgentemente nos implicar com a natureza. O Rio de Janeiro, apesar de ser uma grande cidade urbana, tem o privilégio de estar imerso na floresta, na Mata Atlântica, de estar beirando o mar e ter montanhas incríveis desenhando a paisagem da cidade, morros de onde vemos do alto outros pontos de vista, parques e jardins onde a natureza é preservada. Mas, infelizmente, o acesso não é para todos, muitos bairros e regiões da cidade estão muito longe desses locais, além do racismo ambiental que afeta principalmente comunidades marginalizadas que sofrem os impactos negativos da degradação ambiental e da falta de acesso a recursos naturais e serviços ambientais.

Devemos buscar formas de ocupar e usufruir desses espaços naturais da cidade pelas brechas e conquistar nosso direito

à florestania. Muitos projetos e iniciativas visam dar esse acesso, em especial a crianças e jovens de escolas públicas. Entre eles está o Educa Bondinho, realizado em parceria com o Instituto Moleque Mateiro, que, desde 2015, recebe grupos de escolas públicas para visitas ao Parque do Bondinho do Pão de Açúcar. Mais de setenta mil pessoas já foram atendidas pelo programa, e você e seus alunos estão entre elas.

A educadora Maria Amélia Pereira foi uma das grandes defensoras de uma educação enraizada na natureza, em especial na primeira infância, e nos alertou para esse momento de crise que estamos vivendo, que, para ela, é uma crise de horizonte. “O mundo está precisando ser re-encantado e não tem como fazer isso se a gente não tiver tempo para estar na natureza e comungar com ela.”¹⁴

Carlos Vergara sabe disso e comungou sempre com a natureza, seja em suas viagens e andanças pelo mundo, seja fazendo registros com sua câmera fotográfica, utilizando elementos naturais em repertórios e vocabulário estéticos para suas obras, seja simplesmente pela contemplação, deixando que a natureza o invada pelo olhar atento e sensível de artista.

¹⁴ Trecho de depoimento de Maria Amélia Pereira no documentário O tamanho que o planeta é, do Sesc/SP. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=xcARfidh21s>. Acesso em: 15 out. 2024.

Nesta obra, “Pauta Musical”, a natureza é cocriadora e a obra “acontece” com a participação dos pássaros que nela venham a pousar e a partir da imaginação criadora de quem a veja/escute/sinta. Olhar vai muito além de ver, como Vergara nos provoca, existe um “dentro” a que precisamos nos atentar, e perceber que está lá, nos fazendo ver-sentir.

DEPOIMENTO DO ARTISTA:

“Os passarinhos vão lá e escrevem a música. [...] é uma interlocução com o reino animal, e os pássaros é que fazem a música, eles compõem, essa é a ideia!”



FOTO 18: Oficina “Ninho dos Sons” com argila e elementos da natureza, proposição de Richard Enbel a partir da obra “Pauta Musical”.

DIÁLOGOS E INSPIRAÇÕES:

“Muitas vezes esquecemos que nós somos natureza. A natureza não é algo separado de nós. Então, quando dizemos que perdemos nossa conexão com a natureza, perdemos nossa conexão com nós mesmos.”

– Andy Goldsworthy

“Nossa vastidão interna só encontra resposta para o desejo, para a possibilidade ampla, que mora na gente, na natureza. Que é tão ampla e tão vasta quanto a gente mesmo. A infinitude que a gente observa, com a qual a gente dialoga, quando se coloca diante da natureza é que dá resposta para essa infinitude possível na gente. Então estar na natureza é encontrar respostas para questões amplas e infinitas que a gente traz.”

– Roquinho¹⁵

“Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem – fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza.”

– Ailton Krenak

¹⁵ Trecho de depoimento de Roquinho no documentário “O tamanho que o planeta é”, do Sesc/SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=xcARfidh21s>. Acesso em: 15 out. 2024.

TÓPICOS PARA REFLEXÃO E DEBATE

Você já parou para pensar que somos natureza?
O que isso implica para você?

Como podemos provocar nossos corpos urbanizados que somos com a natureza que também somos?

Você tem o hábito de parar para escutar/
perceber o canto dos pássaros?

Como encaixar, no ritmo corrido do dia a dia das grandes cidades, a escuta da natureza e seus sons?

O hábito de passarinhar pode ser uma forma... e, uma vez que você começa a prestar a atenção nos pássaros e em seus cantos, não deixará mais de percebê-los. Quando mudamos nosso foco de atenção para algo, passamos a ter mais consciência daquilo.

Cada vez mais precisamos mudar nosso foco para a natureza, não apenas para quando ela nos chama a atenção e mostra seu poder e seu desequilíbrio, como temos visto em tantos episódios no mundo e as graves consequências da crise climática ambiental no planeta.

O que o líder indígena Ailton Krenak está nos provocando a pensar quando nos diz que o futuro é ancestral?

DESDOBRAMENTOS EM SALA DE AULA:

Que tal propor aos alunos coletas de coisas da natureza e criar um banco de elementos naturais na escola como repertórios para trabalhos de arte? O próprio exercício da coleta já é uma atividade em si, pois nos provoca a olhar com mais atenção, a fazer escolhas e descobrir belezas antes não percebidas. Depois, com os elementos coletados, muitas coisas podem ser criadas, coletivamente ou em trabalhos individuais. E não necessariamente precisam ser fixados em algum suporte, podem ser composições efêmeras e que são registradas em fotos ou vídeos. Mandalas são proposições interessantes, grandes serpentes ou caminhos que formam desenhos, ou pequenas composições que trazem uma lembrança.

A natureza é um convite à beleza, uma beleza que nos atinge em todos os nossos sentidos perceptivos. Mas precisamos nos dar um tempo para olhar, perceber, sentir e manusear os diferentes elementos da natureza que nos rodeiam, e nos surpreender e encantar. A natureza pode ser caótica e simétrica ao mesmo tempo, linda e assustadora, enorme e minúscula, está viva e a todo momento se transformando, e nos ensinando.

Convide seus alunos a mergulharem na materialidade do mundo através da natureza, aceitando e acolhendo os presentes que a natureza nos dá – folhas, galhos, flores, pedras, sementes... O que esses materiais inspiram a criar? Peça para que observem suas formas, cores, texturas, sentidos, movimentos, peso.... Cada elemento tem suas características próprias, linguagem e materialidade, esses serão os guias... o objetivo é trazer à tona a potência do material, desafiando suas qualidades intrínsecas.

Com esses materiais podem ser feitas colagens e composições, contadas histórias, desenhos de observação, móveis, construções efêmeras etc.

FOTO 19: Criação coletiva da equipe do programa educativo com elementos coletados da natureza no encontro de formação.



CONVERSAS COM AS OBRAS:

A IDADE DA PEDRA

Em “A Idade da Pedra”, Vergara alude ao tempo aproximado do Gnaisse Facoidal: em vez de cogitar o extraordinário relevo carioca apenas no tempo de erosão da pedra, o artista decide remontar aos 500-600 milhões de anos, aproximadamente, em que o magma do interior do planeta se resfriou para dar origem à matéria mineral que chamamos de “rocha”. Com mais esse código matemático, um número escrito por extenso, o artista aponta para a diminuta escala temporal da vida humana. Ao fazer coexistir o tempo da biografia e o tempo do Pão de Açúcar, Carlos Vergara demonstra sua sensível atenção para a instabilidade das formas e a incontornável passagem do tempo.



Acesse o QR code abaixo para ver um vídeo da obra Idade da Pedra.



FOTO 20: Fotografia: Jaime Acioli.

Ulisses Carrilho
CURADOR



PROJETO EDUCATIVO

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA

Carlos Vergara, ao se deparar com a idade da pedra (do monumento geológico do Pão de Açúcar), de quase 600 milhões de anos, parou para pensar em sua própria existência e em o quanto na realidade somos ínfimos quando comparados à idade da pedra. Quando colocamos em perspectiva outras existências do planeta Terra, olhamos e percebemos o mundo e nós mesmos de uma forma completamente distinta. Deixamos de ser o “umbigo do mundo”. Ao pôr o número 600 milhões em evidência no próprio morro do Pão de Açúcar e transformá-lo em obra de arte, para que possamos ver-sentir-pensar (termo utilizado pelo próprio artista ao descrever uma das intenções da obra de arte), Vergara, com sua extrema generosidade e elegância poética, gentilmente nos “cutuca” em nossa cegueira existencial.

Mas o que exatamente aconteceu há 600 milhões de anos no nosso planeta que propiciou a formação do Pão de Açúcar e as montanhas vizinhas que fazem parte da paisagem do Rio de Janeiro?

Na realidade, pode ser difícil de acreditar, mas todo o complexo do Pão de Açúcar já

esteve soterrado a 25 km da superfície, que foi lentamente se formando a partir de um bolsão de magma no interior da Terra. Esse bolsão surgiu da colisão continental que formou o supercontinente Gondwana (que incluía os territórios atuais da América do Sul, África, Índia (na Ásia), além de Austrália e Antártica), há cerca de 570 milhões de anos. Os estudos geológicos mostram que a rocha que compõe o Pão de Açúcar – chamada Gnaiss Facoidal – foi originalmente um granito formado nas profundezas da crosta terrestre a partir do resfriamento deste bolsão de magma.

A costa do território brasileiro, neste supercontinente, fazia fronteira com a África, e o Pão de Açúcar e o Rio de Janeiro eram então vizinhos onde hoje está a Angola. Curioso pensar que nossa conexão com a África é geológica, na realidade, “cada pedaço de chão é parente de outro continente”. Um dia fomos um único continente¹⁶, mas nunca deixamos de ser um único planeta, e parece que a humanidade há muito não se lembra disso.

Se não formos capazes de reconhecer outras existências (ou quem sabe resistências) que coabitam neste grande planeta, Gaia, nossa mãe terra, como iremos adiar o fim do mundo, como nos alerta Ailton Krenak?

FOTO 21: Oficina “Caminhando entre linhas e horizontes”, proposição de Bia Jabor e Flávia Naves a partir da obra “A Idade da Pedra”.

¹⁶ Disponível: em <https://revistarecorte.com.br/artigos/habilidades-de-habitar/>

Acesso em 20 out. 2024.



FOTO 22: Montagem para a oficina “Caminhando entre linhas e horizontes” a partir da obra “A Idade da Pedra”.

FOTO 23: Proposição participativa para sentir os pés pisando sobre a terra, realizada durante o programa com especialistas na área da geologia, reunindo Luiza Ponciano, Cláudio Valeriano e Diógenes de Almeida Campos a partir da obra “A Idade da Pedra”.
Fotografia: Patrick Rocha.



Contar histórias da criação da Terra também é uma forma de nos reconectar com sua existência, e não são apenas as que nos conta a ciência, mas mitos e cosmologias ancestrais que nos provocam a pensar sobre nossa origem.

Para além de onde cada um de nós nasce – um sítio, uma aldeia, uma comunidade, uma cidade –, estamos todos instalados num organismo maior que é a Terra. Por isso dizemos que somos filhos da terra. Essa Mãe constitui a primeira camada, o útero da experiência da consciência, que não é aplicada nem utilitária. Não se trata de um manual de vida, mas de uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias mais reconfortantes que cada cultura é capaz de produzir – que são chamadas, em certa literatura, de mitos. As mitologias estão vivas. Seguem existindo sempre que uma comunidade insiste em habitar esse lugar poético de viver uma experiência de afetação da vida, a despeito das outras narrativas duras do mundo. (Krenak, 2022, p. 52)

E curiosamente (ou não), um desses mitos de origem fala sobre o Rio de Janeiro, a Baía da Guanabara, o Pão de Açúcar e as montanhas ao redor. Estamos falando da cosmovisão imemorial dos povos originários de matriz Tukano, que compartilha a história com os Desana, os Baniwa e outros povos rio-negrinos. Uma história da formação do mundo e da humanidade.

Narrada no livro *Antes o mundo não existia*, de Umusĩ Pārōkumu (Firmiano Arantes Lana) e seu filho Tōrāmü Kēhíri (Luiz Gomes Lana), descendentes dos Desana, os Kēhíripōrã ou “Filhos (dos Desenhos) do Sonho”. Umusĩ Pārōkumu era tuxáua e não falava português, mas seu filho, Tōrāmü Kēhíri, resolveu passar para um caderno as histórias que seu pai sabia.

A história conta que não tinha nada no universo, e uma mulher chamada Yebá Buró, a “Avó do Mundo” ou também “Avó da Terra”, com seu pensamento cria o cosmos, os planetas e as galáxias. Enquanto ela estava pensando, começou a se levantar algo como se fosse uma esfera e, em cima dela, apareceu uma espécie de pico. Isso aconteceu com o seu pensamento.

A esfera, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dela. A esfera era o mundo. Tendo feito isto, ela chamou a esfera de *Umuko wi*, “Maloca do Universo”. Depois ela pensou em colocar pessoas nessa grande Maloca do Universo e criou os “Avós do Mundo” (*Umukoñehküsuma*). Eles eram Trovões, chamados em conjunto *Uhtābhowerimahsã*, que quer dizer os “Homens de Quartzo Branco”, porque eles são eternos, não são como nós.

“Gerei vocês para criarem o mundo. Pensem agora como fazer a luz, os rios e a futura humanidade.” Eles responderam que assim o fariam. Mas nada fizeram! Pensou então em criar um outro ser que pudesse seguir as suas ordens. Enquanto estava pensando e fumando seu tabaco, da fumaça formou-se um ser misterioso que não tinha corpo. Era um ser que não se podia tocar, nem ver. Ele era “deus da Terra (ou do Mundo)”.

Depois de criar o sol, o deus do Mundo subiu à superfície da Terra para formar a humanidade. Levantou-se num grande lago chamado “Lago de Leite”, aqui no Rio de Janeiro, e o Pão de Açúcar era o seio que dá de mamar da mulher, e o lago da Baía, uma cuia para ele. Para os indígenas Tukano, Desana, Baniwa e outros povos rio-negrinos de matriz Tukano, a vida na Terra se inicia aqui na nossa cidade, origem de toda a vida no mundo.

Enquanto o deus da Terra (ou do Mundo) vinha subindo, o Terceiro Trovão desceu nesse grande lago na forma de uma jiboia gigante. A cabeça da cobra se parecia com a proa de uma canoa, era a “Canoa de Transformação”, a canoa cobra, e essa cobra foi distribuindo as pessoas ao longo das grandes malocas primordiais. Por isso, o Rio de Janeiro, lugar da primeira maloca, suas serras, lagos e praias, são considerados locais sagrados para esses povos indígenas.

Olhar para o Rio de Janeiro através desta cosmovisão indígena muda completamente nossa percepção, e o Pão de Açúcar simbolizar a “terra-mãe que dá vida”, em um mundo de fartura, sem miséria, de paz e de prosperidade, (uma terra sem males), coloca em foco como infelizmente nossa história não cumpriu com essa visão sagrada da nossa cidade. Mas, vista a partir desta perspectiva, quem sabe não podemos mudar a nossa história e começar a enxergar um futuro conectado à nossa ancestralidade?

DEPOIMENTO DO ARTISTA:

“O que eu gosto dos 600 milhões é que muita coisa aconteceu, se você pensar a idade daquela pedra e tudo que ela assistiu, têm existências que começaram e acabaram nesses 600 milhões: animais e vegetações, por exemplo. A pedra como testemunha da história.”

DIÁLOGOS E INSPIRAÇÕES:

“Não é que tenhamos nos esquecido ou desistido de habitar o planeta – nunca cogitamos habitá-lo nem tampouco nos demos ao trabalho de pensar que cada pedaço de chão é parente de outro continente, que cada minhoca compõe a multiespecífica multidão terrestre, que cada matinho que irrompe do asfalto fumegante é um sopro de atmosfera, que toda terra é um planeta.”

– Wellington Cançado

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra

– Carlos Drummond de Andrade

“As pedras também são baús, ou arcas que guardam memórias. A memória do mundo, de algum modo, está presente nas pedras. Não estamos falando aqui da memória da natureza, mas da memória cultural do mundo; não estamos considerando as pedras como entes naturais, mas como entes do universo cultural. Na relação com as pedras não encontramos apenas pinturas, escrituras, esculturas e templos, encontramos também faíscas do imaginário e da memória social. Pensemos no Pão de Açúcar, no Corcovado, na Pedra da Gávea, na Pedra Branca, no Morro da Urca, no Pico do Papagaio, no Pico da Tijuca e no Morro dos Dois Irmãos, por exemplo. Todas essas são pedras que nos acompanham e que alcançaram, ao longo do tempo, um lugar proeminente na geografia de nossas memórias, nas nossas paisagens subjetivas. Sem elas, nós não seríamos os mesmos. Elas também nos formam, informam e conformam, e até nos confortam com suas presenças culturais. Nesse sentido, podemos falar numa educação pela pedra. As pedras, essas companheiras de viagem, podem ser boas educadoras.”

– Mario Chagas e Viktor Chagas

TÓPICOS PARA REFLEXÃO E DEBATE:

Quando paramos para pensar na idade e história da formação do planeta, nossa existência ganha uma outra dimensão. Que conexão você faz com essa história? Como isso te faz sentir?

Além disso, estamos todos de alguma forma ligados, cada existência neste planeta está conectada a este grande organismo chamado Terra, ou Gaia, nossa mãe primordial. “Todos os seres vivos são, de uma certa forma, um mesmo corpo, uma mesma vida e um mesmo eu que continua passando de forma em forma, de sujeito em sujeito, de existência em existência. Coabitamos nesse grande organismo.”¹⁷ Estão faltando e muito, nos seres humanos, essa compreensão e visão. Como educadoras e educadores, devemos fomentar cada vez mais essa percepção nas crianças e nos jovens. E claro, em nós mesmos.

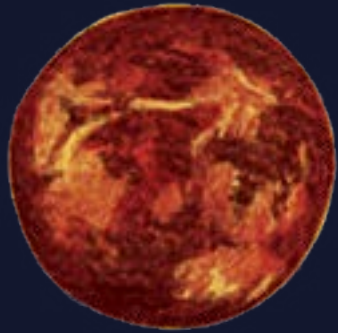
O artista Carlos Vergara faz uma relação da poesia de Drummond “No meio do caminho” com o Pão de Açúcar, então, se a pedra é o Pão de Açúcar, qual seria então o caminho? Olhando nesta proporção, estamos falando do mundo para o espaço!

¹⁷ Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/10/CADERNO_FLECHA_3.pdf
Acesso em: 4 nov. 2024. p. 10.

PESQUISA GEOLÓGICA

Por Claudio de Morisson Valeriano (UERJ)

Ilustração de Marina Smit



ARQUEANO

4.500 MILHÕES DE ANOS ATRÁS

Há cerca de 4,5 bilhões de anos, o Planeta Terra se formou, assim como o Sistema Solar. Nosso planeta era muito diferente deste que hoje conhecemos. Era uma inóspita bola de magma, sem oceanos e sem atmosfera.



EDIACARANO

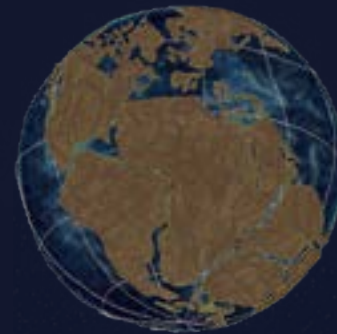
560 MILHÕES DE ANOS ATRÁS

Há cerca de 560 milhões de anos, formou-se o supercontinente Gondwana, resultado da colisão de vários continentes. Na região onde fica o Rio de Janeiro, essa colisão gerou cadeias de montanhas como hoje acontece nos Himalaias.

Na parte profunda da crosta terrestre, um grande volume de magma resfriou-se lentamente, formando o “Gnaiss Facoidal”, o volumoso corpo de granito que compõe o Pão de Açúcar e os morros da Urca, Babilônia e Dois Irmãos.

Com seus típicos cristais brancos de feldspato ondulados, em forma de olhos, o Gnaiss Facoidal é a mais carioca das rochas. Foi utilizado na moldura das portas e janelas de todos os sobrados do começo do século XX, bem como em inúmeros monumentos e templos.

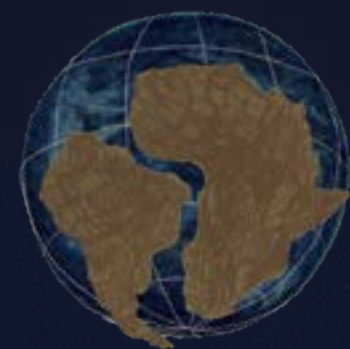
Nesse mesmo período, nosso planeta começou a ser habitado por uma primitiva fauna marinha, dando origem à longa evolução das espécies vegetais e animais atuais, incluindo nós que estamos lendo este texto.



CARBONÍFERO

320 MILHÕES DE ANOS ATRÁS

A lenta colisão de Gondwana e Laurásia levou à formação do supercontinente Pangeia, que reuniu toda ou quase toda a massa continental do planeta. Já pensou se toda a humanidade vivesse em um só continente?



CRETÁCEO

100 MILHÕES DE ANOS ATRÁS

Após longo tempo de estabilidade, o supercontinente Pangeia se dividiu, formando continentes que são hoje a América do Sul, África, Antártida, Austrália e Índia, e oceanos que ainda estão, na sua maioria, em expansão.

A separação entre a América do Sul e a África começou com a formação de rios e lagos onde hoje é o litoral, seguida pelo depósito de sal com a entrada da água do mar. Os sedimentos do “pré-sal” deram origem a grandes volumes de petróleo e gás das bacias de Campos e Santos.



EOCENO

40 MILHÕES DE ANOS ATRÁS

Novas instabilidades tectônicas na atual Região Sudeste deram origem a serras e vales, como a Serra do Mar, a Serra da Carioca, e a Baía de Guanabara e Baixada Fluminense, além de atividade vulcânica. Nas áreas elevadas, onde a erosão foi mais atuante, o Gnaiss Facoidal foi exposto à superfície, dando origem ao Pão de Açúcar.



HOLOCENO

HOJE

Atualmente, a escultura do relevo do Rio de Janeiro, incluindo o Pão de Açúcar, continua a ser moldada não somente pela lenta decomposição das rochas, que deu origem ao solo que hospeda esse bosque, como também pelo rápido desmoronamento de grandes blocos de pedra e pelas intervenções humanas.

O famoso astrofísico, astrônomo e cientista americano Carl Sagan, nos anos 1980, afirmou que “o cosmos está dentro de nós. Somos feitos de matéria estelar. Somos uma forma do universo conhecer a si mesmo”. Recentemente, depois de analisar 150 mil estrelas do centro da Via Láctea, astrônomos chegaram à conclusão de que tanto os seres humanos quanto os astros brilhantes possuem 97% do mesmo tipo de átomos. Ou seja, nós humanos, nosso planeta e tudo o que tem nele não existiriam se não fossem as estrelas. Humanos, não humanos, plantas, pedras, bactérias, ventos e erupções vulcânicas... somos todos feitos de estrelas!

Essa obra nos impõe o desafio de pensar sobre o tempo, o tempo do planeta, o tempo da pedra, o tempo da natureza, o tempo do nosso corpo... Como confrontar e experimentar esses diferentes tempos que de alguma forma coabitam?

DESDOBRAMENTOS EM SALA DE AULA:

Como uma forma de experienciar e imaginar os diferentes tempos do mundo, que tal propor a seus alunos que “calculem” ou imaginem diferentes medidas de tempo de situações da natureza que talvez nunca tenhamos parado para pensar e as reúnam em uma linha do tempo poética? Por exemplo: quanto tempo uma formiga leva para atravessar uma rua? Quanto tempo leva para uma semente virar uma árvore? Quanto tempo vive uma estrela? Quanto tempo leva para a água do rio correr?

“As pedras também são baús, ou arcas que guardam memórias. A memória do mundo, de algum modo, está presente nas pedras.”
Proponha que os alunos criem histórias das memórias que uma pedra poderia guardar. Poderia ser a do próprio Pão de Açúcar... que histórias essa “pedra” já testemunhou?

FOTO 24: Fotografia: Rafael Duarte.



REFERÊNCIAS

ANTES: HISTÓRIAS DA PRÉ-HISTÓRIA. [catálogo de exposição] Idealização concepção e desenho expositivo [por] Marcelo Dantas. Rio de Janeiro/Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

DANTES, Ana. **A Serpente e a Canoa** - Flecha 1. Cadernos SELVAGEM. Dantes Editora Biosfera, 2021. E-book. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/05/CADERNO_23_SERPENTE_CANOA-2.pdf Acesso em: 15 out. 2024.

DANTES, Ana. **Metamorfose** - Flecha 3. Cadernos SELVAGEM. Dantes Editora Biosfera, 2021. E-book. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/10/CADERNO_FLECHA_3.pdf Acesso em: 15 out. 2024.

DIAKARA, Jaime. **Rio de Janeiro, o lago de leite. Jaime Diakara – Ciclo antes o mundo não existia 1/4. Cadernos SELVAGEM.** Dantes Editora Biosfera, 2021. E-book. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/01/CADERNO14_JAIMEDIKARA.pdf Acesso em: 15 out. 2024.

GOGAN, Jessica (Org.); MORAIS, Frederico. **Domingos da Criação: uma coleção poética do experimental em arte e educação.** Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2022.

OSÓRIO, Luiz Camillo. **Carlos Vergara: poética da exuberância.** Curadoria Luiz Camillo Osório. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2024.

SCARANO. Fabio Rubio. **A linguagem de Gaia. Cadernos SELVAGEM.** Rio de Janeiro: Dantes Editora Biosfera, 2020. E-book. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_6_SCARANO.pdf Acesso em: 20 out. 2024.

SCOVINO, Felipe. **Carlos Vergara.** [Felipe Scovino]; editora e pesquisadora Juliana Rego Ripoli – 1. ed. Rio de Janeiro: Automática, 2013.

SILVA. Rafael Freitas da. **O Rio antes do Rio.** 6. ed. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2024.

TAKUÁ. Cristine. **Seres criativos da Floresta. Cadernos SELVAGEM.** Dantes Editora Biosfera, 2020. E-book. Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_4_TAKUA.pdf Acesso em 10 out. 2024.

VERGARA, João. **Terra sem males.** Rio de Janeiro: ID Cultural, 2023.

ZERBINI, Luiz. **Rasura/Luiz Zerbini.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SITES E LINKS CONSULTADOS NA PESQUISA:

ATELIÊ CARLOS VERGARA. Disponível em: <https://www.ateliecarlosvergara.com>
Acesso em: 12 out. 2024

BITTAR, William. William Bittar: Kûánãpará, uma terra sem males antes de um Rio de Janeiro. **Diário do Rio**. 2024. Disponível em: <https://diariodorio.com/william-bittar-kuanapara-uma-terra-sem-males-antes-de-um-rio-de-janeiro>
Acesso em: 18 out. 2024.

CATALANO, Ana Luiza Camargo; FOSSALUZA, André Santachiara; SANTOS, Clarrisa de Oliveira. **Passarinhar**: a prática de notar as aves em todo lugar. Sesc/São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/passarinhar>
Acesso em: 21 out. 2024.

CANÇADO, Wellington. Habilidades de habitar. Antropoceno. **Revista Recorte**. 2023. Disponível em: <https://revistarecorte.com.br/artigos/habilidades-de-habitar>
Acesso em: 20 out. 2024.

CHAGAS, Mário; CHAGAS, Viktor. Memória rupestre ou do caminho no meio da pedra. **Revista Museu**. 21 dez. 2004. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/10732-memoria-rupestre-ou-do-caminho-no-meio-da-pedra.html>
Acesso em: 23 out. 2024.

GEORGE, João Pedro. (Entre parênteses) Tidos como próteses de frases, ou cápsulas de informação. **Ciberdúvidas da Língua Portuguesa**. Na 1ª pessoa. 2021. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/entre-parenteses/4630>
Acesso em: 21 out. 2024.

GRIMONI, Daniel. Os nomes da mata. **Arca Comunicações**. Conversas / Exposição. Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. 15 mar. 2024. Disponível em: <https://selvagemiclo.com.br/comunicacoes/os-nomes-da-mata> Acesso em: 18 out. 2024.

LARROSA, Jorge. Como o afeto e a experiência afetam a educação. **Laboratório Inteligência de Vida**, 2021. Disponível em: <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/jorge-larrosa>
Acesso em: 12 out. 2024.

MAAKAROUN, Bertha. Livro 'Rio antes do Rio' mostra que os cariocas originais eram Tupinambás. **Estado de Minas**. Pensar. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/02/21/interna_pensar,1123371/livro-rio-antes-do-rio-mostra-que-os-cariocas-originais-eram-tupinam.shtml
Acesso em: 18 out. 2024.

NEUMANN, Sabrina. **Mapa interativo mostra onde estava sua cidade há milhões de anos, no supercontinente Pangeia**. Um só planeta: energia e ciência. 2022. Disponível em: <https://umsoplaneta.globo.com/energia/noticia/2022/04/26/mapa-mostra-onde-estava-sua-cidade-ha-milhoes-de-anos-no-supercontinente-pangeia.ghtml>
Acesso em: 18 out. 2024.

PERES, Louise. 99 anos do Bondinho do Pão de Açúcar. **Veja Rio**. Cidade. 2011. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/bondinho-pao-de-acucar> Acesso em: 18 out. 2024.

PINHEIRO, Eliane Canedo de F. A Baía de Guanabara, um olhar sobre a história. Ontem. Terra. Quem somos? **Museu do Amanhã**. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/livro/07-a-baia-de-guanabara-um-olhar-sobre-a-historia.html> Acesso em: 18 out. 2024.

SESC/São Paulo. O tamanho que o planeta é. **e online**. Sesc/SP. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13504_O+TAMANHO+QUE+O+PLANETA+E
Acesso em: 15 out. 2024.

TAKUÁ, Cristine. Teko Porã: o sistema milenar educativo de equilíbrio. **Mandala Lunar**. Cultura Regenerativa. 28 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.mandalalunar.com.br/cultura-regenerativa/teko-pora-o-sistema-milenar-educativo-de-equilibrio>
Acesso em: 20 out. 2024.

UM DOS MAIORES PONTOS GEOTURÍSTICOS DO BRASIL. Como foi formado o Pão de Açúcar? **Terra Explorer**. Disponível em: <https://hnl41869508.wordpress.com/2021/06/26/um-dos-maiores-pontos-geoturisticos-do-brasil-como-foi-formado-o-pao-de-acucar-2>
Acesso em: 20 out. 2024.

VALERIANO, Claudio de Morisson. O Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, se formou na “fronteira” entre América do Sul e África. **Super Interessante**. 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/Blog-Deriva-Continental-deriva-continental/o-pao-de-acucar-no-rio-de-janeiro-se-formou-na-fronteira-entre-america-do-sul-e-africa>
Acesso em: 18 out. 2024.

VERGARA, Carlos. **Um artista viajante**. [Entrevista - Carlos Vergara, artista]. Espaços Poéticos = Linguagens Éticas. Diversas práticas na América Latina. **Revista MESA**, n. 2, abr. 2015. Disponível em: <https://institutomesa.org/revistamesa/edicoes/2/um-artista-viajante> Acesso em: 15 out. 2024.

PARA SABER MAIS:

CARLOS VERGARA:

<https://www.ateliecarlosvergara.com><https://institutomesa.org/revistamesa/edicoes/2/um-artista-viajante><https://www.youtube.com/watch?v=6wKRT6i1HKM&t=1s><https://www.youtube.com/watch?v=BbC4AilaZ-8&t=11s>

GEOLOGIA:

<https://umsoplaneta.globo.com/energia/noticia/2022/04/26/mapa-mostra-onde-estava-sua-cidade-ha-milhoes-de-anos-no-supercontinente-pangeia.ghtml><https://hnl41869508.wordpress.com/2021/06/26/um-dos-maiores-pontos-geoturisticos-do-brasil-como-foi-formado-o-pao-de-acucar-2><https://super.abril.com.br/coluna/deriva-continental/o-pao-de-acucar-no-rio-de-janeiro-se-formou-na-fronteira-entre-america-do-sul-e-africa><https://dinosaurpictures.org/ancient-earth#o>

HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE:

<https://historiadorioparatodos.com.br><https://www.youtube.com/playlist?list=PLxo1R-Bm-ufRPZhjwqLJ7RWAfVfC6z-5M><https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=pao-de-acucar>

NATUREZA E MEIO AMBIENTE:

<https://www.monapaodeacucar.com><https://www.wikiaves.com.br/index.php><https://www.youtube.com/watch?v=8vJJiT5i6xo><https://revistarecorte.com.br/artigos/habilidades-de-habitar><http://www.ecofuturo.org.br/biblioteca-virtual><https://criancaenatureza.org.br/pt>

CRÉDITOS

MATERIAL EDUCATIVO

PESQUISA E TEXTOS DO MATERIAL EDUCATIVO
Bia Jabor

TEXTOS DA EXPOSIÇÃO
Ulisses Carrilho

REVISÃO DE TEXTO
Cynthia Azevedo

PROJETO MARAVILHA

PATROCINADOR
China National Petroleum Corporation (CNPC)

REALIZAÇÃO
A-PONTE

APOIO
Parque Bondinho Pão de Açúcar®

IDEALIZAÇÃO E DIREÇÃO-GERAL
Fábio Szwarcwald

CURADORIA
Ulisses Carrilho

ARTISTA
Carlos Vergara

EQUIPE DO ARTISTA
João Vergara

JORNADA DIGITAL E ARTISTA NFT
Thiago Yaak

PROGRAMA EDUCATIVO
COORDENAÇÃO-GERAL: **Bia Jabor**
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: **Flávia Naves**
PRODUÇÃO: **Elisa Brasil**
ARTISTAS EDUCADORES: **Cassia Lyrio, Richard Enbel e Ítala Isis**
ESTAGIÁRIOS UNIRIO/FACULDADE DE EDUCAÇÃO:
Nini Peixoto e Jefferson Soares

PRODUÇÃO EXECUTIVA E
COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO
Trítono Produções – Gabriela Weeks

GESTOR DE PROJETOS CULTURAIS
Lágrimas Produções

COORDENADORA DE PROJETOS
Ana Moraes

IDENTIDADE VISUAL, PROJETO GRÁFICO,
CONCEPÇÃO SITE
Rima Gráfica
Amanda Lianza
Luiza Quentel
Pedro Brucz
Rita Sepulveda de Faria

ILUSTRADORA E AUTORA ESCULTURA TIÊ
Marina Smit

PROJETO EXPOGRÁFICO

LICAAA – Lilian Sampaio

ASSISTENTE CENOGRAFIA

Mariah Ferraço

DESENHISTA INDUSTRIAL E COORDENADOR MONTAGEM

Alessandro Sales

GESTORA DE COMUNICAÇÃO

Casa da Amendoeira – Claudia Montenegro

ASSESSORA DE IMPRENSA

Mônica Villela

SITE

Samambaia – Daniel Morena

REDES SOCIAIS

João Veiga

Nina Carderelli

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO

Francisco Bernardes

Luiza Medina

CONSULTORIA CIENTÍFICA

Claudio Valeriano

Eduardo Nogueira

Guilherme Serpa

Flora Moraes

FOTOGRAFIAS

Jayme Acioli

Fabio Souza

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Gavião Filmes

VÍDEOS REDES SOCIAIS

2050

Click by Cria

AUDIOGUIA, AUDIODESCRIÇÃO, LIBRAS

GS Soluções e Imagens –

Pedro Sias e Marcela Casteja

REVISÃO

Cynthia Azevedo

TRADUÇÕES

Barbara Sette

ASSESSORIA JURÍDICA

Guedes Tavares Advogados

EMPRESA CONSTRUÇÃO OBRAS VERGARA E ESCULTURA TIÊ

Monsenhor

EMPRESA SINALIZAÇÃO E IMPRESSÃO COMUNICAÇÃO VISUAL

Identidade Visual

PINTURA MESAS E BANCOS

Ricardo Mamute

FOTO 25: Oficina “Quanto tempo dura uma pintura?”, proposição de Bia Jabor e Richard Enbel sobre a natureza efêmera da vida e nossa relação com o tempo refletindo sobre a idade do monumento geológico do Pão de Açúcar de quase 600 milhões de anos.

FOTOS 26-38: página seguinte: Equipe.







IDEALIZAÇÃO E PRODUÇÃO



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet

a PONTE

PATROCÍNIO



CNPC
BRASIL

APOIO



PARQUE
BONDINHO
PÃO DE AÇÚCAR®

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

The background is a vibrant yellow with several large, solid pink geometric shapes. These shapes include a large inverted triangle at the top, a triangle on the left side pointing right, a triangle on the right side pointing left, and a large triangle at the bottom pointing up. The text is centered within the yellow space.

***"A arte é para olhar
para fora para ajudar
a olhar para dentro."***

– Carlos Vergara